

Uma análise do *ethos* mundial a partir do discurso “*I have a dream*” de Martin Luther King¹

An analysis of welthethos from Martin Luther King’s speech “*I Have a Dream*”

Bruna Milheiro Silva²
bru.milheiro@gmail.com

Resumo

A proposta do artigo é apresentar uma breve análise do discurso “*I have a dream*” do pastor batista Martin Luther King a partir dos princípios e compromissos propostos pelo Parlamento das religiões Mundiais em 1993. Esse discurso proferido na marcha sobre Washington no ano de 1963, transformou-se num marco simbólico da luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. A partir dele, torna-se possível informar um dos pontos fundamentais do projeto *ethos* mundial redigido por representantes das mais diversas origens religiosas: A existência de valores éticos comuns a todas as religiões e tradições filosóficas da humanidade, aqui tomados como exemplo os elementos do referido discurso.

Palavras-chave: Ética; Diálogo; Direitos Civis.

Abstract

This article aims to present a brief analysis of the speech “*I have a dream*”, by the Baptist preacher Martin Luther King from the principles and commitments proposed by the World Parliament of Religions in 1993. This speech made at the March in Washington, in 1963, became a symbolic milestone in the fight for civil rights of black people in the United States. From this speech on, it becomes possible to enter one of the fundamental subjects of welthethos bill, drafted by representatives from various religious backgrounds: The existence of ethical values common to all religions and philosophical traditions of humanity, taken here as an example of the elements of that speech.

Key-words: Ethics; Dialogue; Civil Rights.

Introdução

Diante de um mundo plural e multifacetado – que alguns chamam de nova ordem mundial – marcado pelo pós-guerra e pós-independência de países oriundos de antigas colônias europeias na África e na Ásia, muitos desafios foram e ainda são

¹ Texto referente a uma comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião da UFJF realizada entre os dias 6 e 9 de outubro de 2014.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora.

lançados e muitas respostas estão ainda por serem encontradas. Uma das grandes questões surgidas a partir deste contexto seria pensar o papel das religiões enquanto elementos de diferenciação entre culturas e povos, mas que poderiam, ao mesmo tempo, ser uma chave para o entendimento e para a formação de princípios éticos comuns (Kung, 2005, p.126).

Foi a partir desta reflexão que no ano de 1993 líderes de diferentes religiões reuniram-se num grande encontro que ficou conhecido como Parlamento das Religiões Mundiais, cujo objetivo era levantar pontos que favorecessem um diálogo entre as diferentes crenças religiosas e conseqüentemente entre as diversas nações do planeta. Essa reunião parece ter sido muito favorecida pelo momento histórico, uma vez que iniciativas párias, veiculadas em nome da paz e da concórdia mostraram-se infrutíferas em momentos anteriores (Kung, 2005, p. 125).

Imaginar as possibilidades de sobrevivência humana no século XXI diante de um mundo que apresenta tantas desigualdades e tantas injustiças, é um grande enigma que ainda não foi de fato desvendado. A proposta apresentada pelo Parlamento das religiões é uma tentativa de resposta a essa realidade, uma resposta conciliatória e pacífica, rumo a uma mudança de paradigma e acima de tudo, uma transformação na consciência individual. Para King, o *ethos* é uma mudança que tem início dentro de cada um e se exterioriza como uma consequência indubitável desta metamorfose interior (Kung, 2005, p. 26).

Desta forma, pensar a possibilidade de um entendimento básico para um mundo que se pretende uma “aldeia global” é de fato bastante ousado e árduo, caracterizando-se como um desafio, que se levado a sério, pode efetivamente mudar os rumos da vida no planeta. Esse é o propósito deste projeto que será apresentado nas páginas seguintes. A partir disso, com a finalidade de provar que é possível viver essa proposta, este artigo expõe a leitura do mesmo através do discurso de Martin Luther King Jr em 1963 – cuja trajetória remete em muitos aspectos ao projeto – tentando com isso mostrar que ele e outros já viveram esse *ethos* e que deixaram seu testemunho como herança de que um mundo igualitário e justo é possível quando buscado com afinco.

O projeto “ethos” mundial

O projeto do *ethos* mundial (*Weltethos* em alemão) proposto, discutido e redigido durante o Parlamento das Religiões Mundiais em 1993 em Chicago

representou um grande avanço nas relações entre as diversas religiões, no que se refere a busca por um entendimento. Neste evento se reuniram líderes das principais religiões mundiais, para buscar pontos de um possível diálogo inter-religioso e consenso em relação a quais valores éticos básicos devem reger a humanidade no presente século: “E, na ética, as religiões mundiais parecem estar mais próximas umas das outras do que no ‘dogma’” (Kung, 1993, p. 11).

Os documentos surgidos a partir desta reunião propõem uma ética global através da valorização dos direitos humanos e da criação de uma consciência coletiva: Em todos os lugares, as pessoas dependem umas das outras e compartilham critérios e atitudes com o objetivo de conviver. Se é inevitável ter que se relacionar com outras pessoas no dia-a-dia, deve-se buscar meios para tornar essa convivência agradável a todos. Para isso, seria necessário o consenso acerca de princípios básicos para reger as relações humanas.

Um aspecto importante a se destacar é que os valores propostos pelo projeto não foram inventados por seus mentores, mas podem ser encontrados em todas as grandes tradições religiosas e filosóficas da humanidade. Sendo assim, o esforço individual de cada um não está pautado em abrir mão daquilo que sua cultura e sua religião propõe, mas apenas enfatizar a intersecção que existe entre a sua e as demais crenças, buscando um olhar de atenção e recepção com a alteridade.

Entre os pontos que estão presentes nesta declaração, o primeiro de todos é o que se chamou de regra de ouro, que pode ser resumido na seguinte frase: Não faça aos outros o que não gostaria que fizessem com você. Esse é uma ideia fundamental, que está presente nas filosofias mais antigas da humanidade e também em diversos códigos de leis ao longo da história.

Essa ‘lei áurea’ é atestada em Confúcio: ‘Aquilo que não desejais pra ti, também não o faças às outras pessoas’ (Confúcio, aproximadamente 551-489 a.C). Encontra-se também no Judaísmo: ‘Não faças aos outros o que tu não queres que te façam (Rabi Hillel, 60 a. C – 10 d.C). Por fim, a lei áurea também é testemunhada no cristianismo: ‘Tudo o que vocês querem que as pessoas façam a vocês, façam-no também a elas’ [...]. (Kung, 1993, p. 89).

Porém, como afirma Kung, a lei que não vem acompanhada da ética não sobrevive por muito tempo, já que precisa se basear no pensamento e nas ações dos indivíduos. Este seria então o ponto de partida para a melhoria nas relações entre as

peçoas, a partir do momento em que cada um criar a consciência de como suas ações individuais podem interferir na vida de outros indivíduos.

Além desta regra, foi acordado também um princípio fundador:

Não haverá paz entre as nações enquanto não houver paz entre as religiões, não haverá paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões, não haverá diálogo entre as religiões sem padrões éticos globais, não haverá sobrevivência na Terra com paz e justiça sem que surja um novo paradigma nas relações internacionais, baseado em padrões éticos. (Kung, 2003, p. 9).

Esse princípio, que se desdobra em outros mais, relacionando a paz ao surgimento de padrões éticos globais é um dos centros da argumentação proposta pelo projeto. As religiões teriam então o papel fundamental de ligar esses dois elementos: A paz e a ética. Mais ainda: Discute-se quais serão os rumos da vida humana se não forem buscadas soluções comuns para os problemas existentes, que mais cedo ou mais tarde, acabarão por afetar a todos, independentemente de onde se viva, de como se viva e a qual tradição religiosa e política se vincula.

Além dessa regra e deste princípio, ainda são apresentados alguns compromissos a serem seguidos por todos:

- Compromisso com uma cultura de não-violência e respeito pela vida.
- Compromisso com uma cultura de solidariedade e uma ordem econômica justa.
- Compromisso com uma cultura de tolerância e uma vida de verdade.
- Compromisso com uma cultura de igualdade de direitos e de parceria entre homens e mulheres

Esses quatro compromissos devem ser verdadeiramente assumidos por todos, para que em conjunto seja possível construir uma sociedade mais justa e igualitária em todos os aspectos. Seria extremamente demorado e exaustivo destrinchar cada um dos pontos propostos, mas eles serão melhor apresentados no próximo tópico.

A partir desses dois princípios e dos quatro compromissos, o projeto defende que: “Todos nós somos responsáveis por uma ordem mundial melhor” (Kung; Schmidt, 2001, p. 17). Não cabe mais transpor essa responsabilidade as autoridades governamentais e nem outras lideranças religiosas ou não, uma vez que todos os indivíduos devem assumir sua parcela de responsabilidade em prol do bem comum e de criar uma cultura da tolerância e da fraternidade.

Martin Luther King, um homem de seu tempo

Martin Luther King era descendente de escravos e trazia em sua vida as marcas desse passado, não somente na cor de sua pele, mas também na situação de segregação racial a que estava submetido. Apesar de sua influência, como Pastor da Igreja Batista e de todos os seus esforços como estudioso, não conseguiu, à princípio, alcançar a colocação social que um homem branco alcançaria com muito menos esforço.

A origem desta diferenciação baseada no critério racial estava na escravidão que fora introduzida na América do Norte logo após a chegada dos ingleses no que veio a se chamar de 13 colônias inglesas e posteriormente Estados Unidos da América. Durante quase três séculos, parte significativa da economia da região esteve baseada nesta forma de trabalho, principalmente empregada na atividade agrícola no Sul, na cultura de algodão e tabaco. A Georgia, onde King nasceu, possuía essa herança da escravidão ainda muito latente e foi um dos Estados onde a luta pelos direitos civis se tornou mais intensa.

Como ocorreu em outros lugares em que a escravidão foi um sistema fundamental para a manutenção da economia do país durante séculos, não houve de fato uma tentativa de inclusão dos ex-escravos na sociedade. Sendo assim, não ocorreu uma mudança significativa na situação deles, apesar de livres, uma vez que continuaram sem muitas oportunidades de inserção e sobrevivência. Na época da abolição, muitos ativistas argumentavam sobre o mal moral da escravidão e sobre as consequências que ela deixaria na sociedade inevitavelmente. Entretanto, tanto no Norte quanto no Sul dos Estados Unidos, a ideia da superioridade do homem branco era inquestionável. “Nos dois mundos, os negros estavam fora das decisões políticas e eram vítimas de preconceito, principalmente no Sul onde a escravidão era garantida por lei.” (Karnal, 2014, p. 129).

Essa situação da manutenção ou não da escravidão foi um dos temas que levou a guerra civil em 1861, uma vez que esta era uma questão que de fato dividia as opiniões e além disso arruinaria parte da economia norte-americana. A pressão dos abolicionistas acabou ocasionando o fim da escravatura através da chamada *Emancipation Proclamation*, de 1º de janeiro de 1863 assinada pelo então presidente da União Abraham Lincoln. Porém, a abolição definitiva só seria conseguida com o desfecho da guerra em que o Norte saiu vitorioso.



Imagem 1

Apesar dessa trajetória de luta pela igualdade de direitos, ainda quase cem anos depois, como mostra o discurso e o movimento em que se engajou King, a situação dos negros na prática não sofrera grandes mudanças. Continuou a existir uma divisão social bem demarcada: Assentos nos ônibus destinados somente aos brancos, bebedouros para brancos e negros em separado, escolas e universidades

só para negros e outras só para brancos e espaços de lazer também divididos. Os boicotes, manifestações, mobilizações, entre outros movimentos contra segregação tiveram que ser levados a cabo de forma intensa, pretendendo mostrar a insatisfação que essa reminiscência causava em muitos. Toda essa movimentação começou paulatinamente a incomodar as autoridades, ao mesmo tempo que propunham uma revalidação dos padrões sociais norte-americanos.

O objetivo de todo este movimento era tentar mudar de fato uma situação que não fora definitivamente resolvida anos antes com o fim legal da escravidão. O mais importante não havia sido feito: A necessária mudança de consciência. Martin Luther King acreditava nessa mudança e acabou tornando-se um modelo de como agir em prol deste objetivo.



Imagem 2

O discurso de King³ e o projeto *ethos* mundial

A partir dos pontos que foram apresentados relativos as propostas do projeto e do breve histórico sobre a formação dos mecanismos de desigualdade social nos

³ O texto apresentado não é o discurso na íntegra, foram retirados os trechos que não se relacionavam diretamente a proposta do artigo. Para ler o discurso na íntegra, acessar: <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/veja-na-integra-o-historico-discurso-de-martin-luther-king>, acesso em 6 de novembro de 2014.

Estados Unidos, podemos agora iniciar a análise das ideias apresentadas por Martin Luther King em seu discurso. Munidos do contexto histórico do referido personagem e de alguns aspectos de sua vida, torna-se possível relacioná-los aos propósitos de seu discurso.

De acordo com o artigo 1º da declaração Universal das Responsabilidades Humanas: “Toda pessoa, independentemente de gênero, origem étnica, *status* social, opinião pública, língua, idade, nacionalidade ou religião tem a responsabilidade de tratar todas as pessoas de maneira humana.” (Kung & Schmidt, 2001, p. 20).

Tal princípio está presente em seu discurso em diversos momentos. Ao fazer referência a que “Agora é a hora de tornar reais as promessas da democracia (...) para o caminho iluminado da justiça racial (...) para a rocha sólida da fraternidade”; ele está propondo que seja realizado o artigo 1º, em que consta que todas as pessoas devem ser tratadas de forma humana e em igualdade de direitos.

E tal princípio se repete quando King afirma: “Não podemos ficar satisfeitos enquanto a mobilidade básica do negro for de um gueto menor para um maior” e “Não podemos ficar satisfeitos enquanto nossas crianças forem despedidas de sua identidade e destituídas de sua dignidade por uma placa dizendo: “Somente para brancos”.

Com essas falas, Luther King pretende que a origem étnica não deve ser fator de exclusão social, nem tampouco determinar qual o grau de dignidade de uma pessoa.

Artigo 4º:

Todas as pessoas, dotadas de razão e consciência devem aceitar a responsabilidade para com todos, para com as famílias e comunidades, para com as raças, nações e religiões num espírito de solidariedade: Não façam aos outros o que não queres que façam a ti. (Kung; Schmidt, 2001, p. 22).

Podemos perceber a presença desta mesma ideia quando Luther King fala dos “Inalienáveis direitos à vida, à liberdade e a procura da felicidade”; ou quando se refere a “uma cultura da justiça social”; ou quando fala “até que o negro tenha garantido seus direitos de cidadania”. Essa ideia também está presente quando afirma que: “Não podemos ficar satisfeitos enquanto um negro no Mississippi não puder votar e um negro em New York acreditar que ele não tem nada pelo que votar.”

A questão da cidadania é muito importante e deve ser vivida de forma coletiva, englobando tanto a família quanto a comunidade, não importando a origem econômica, social ou racial, mas em comum acordo visando o bem-comum e a solidariedade.

Artigo 6º:

Os litígios entre Estados, grupos ou indivíduos devem ser resolvidos sem violência. Nenhum governo deve tolerar ou participar de atos de genocídio ou terrorismo, nem deve usar homens, crianças ou quaisquer outros civis como instrumentos de guerra. Todo cidadão e toda autoridade pública têm a responsabilidade de agir de forma pacífica, não violenta. (Kung; Schmidt, 2001, p. 26).

A questão da paz e da não-violência é muito presente nos documentos surgidos a partir da reunião do Parlamento das religiões. Isso porque, como afirma Kung, as religiões possuem um potencial explosivo, tanto para o bem quanto para o mal. Além disso, muitas vezes ao longo da história as religiões foram usadas como escudo para atos violentos e desumanos e ainda hoje a questão da violência é uma discussão muito presente entre adeptos das várias religiões (Kung, 2005).

Luther King mostra-se favorável a uma cultura da não-violência ao afirmar que: “Não devemos permitir que nosso protesto criativo se degenere em violência física (...) mas na força da alma”; com isso, ele propõe que a força interior é a arma mais poderosa para evitar a injustiça, e não a violência. Isso poderia ser, numa linha de interpretação, a força da alma como a própria tomada de consciência de cada um sobre qual o seu papel e quais seus direitos e deveres na sociedade.

Também se refere à violência no trecho em que afirma que: “Não podemos ficar satisfeitos enquanto o negro for vítima dos horrores indizíveis da brutalidade policial”. A violência não pode jamais ser justificada, especialmente contra aqueles que não prezam a violência.

Artigo 8º: Todos têm a responsabilidade de comportar-se com integridade, honestidade e equidade.” (Kung; Schmidt, 2001, p. 28).

Mais uma vez a questão da tomada de consciência internamente que levará a um objetivo: a harmonia social. Eu tenho um sonho que um dia este país se erguerá e viverá o verdadeiro significado de sua crença. “Consideramos estas verdades evidentes por si mesmas que todos os homens são criados iguais.”

A equidade é essencial para King: “Eu tenho um sonho que um dia o estado do Alabama, com seus racistas cruéis, [...] um dia bem lá no Alabama meninos negros e meninas negras possam dar-se as mãos com meninos brancos e meninas brancas, como irmãs e irmãos.

Artigo 18º:

O planejamento familiar sensato é responsabilidade de todo casal. O relacionamento entre pais e filhos deve refletir amor, respeito, estima e consideração mútuos. Nenhum genitor ou qualquer outro adulto deve explorar, maltratar ou abusar de uma criança. (Kung & Schmidt, 2001, p. 36).

Luther King se refere à família e apresenta o que avalia como o tipo de sociedade em que gostaria que seus filhos vivessem: “Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter. Eu tenho um sonho hoje.”

Um último trecho que mostra a ideia da interdependência entre as pessoas: Ninguém é soberano ou deve se achar melhor que as outras pessoas: Alguns “irmãos brancos” se deram conta de que “seus destinos estão ligados ao nosso destino e sua liberdade está intrinsecamente ligada a nossa liberdade”.

E finalmente, King termina seu discurso apresentando um desfecho que vai ao encontro da proposta principal do projeto que é fazer com que as religiões compartilhem um mesmo espaço de ação política e social, acreditando na paz apesar das diferenças. “Ao invés da dominação e humilhação, que são expressões de violência e frequentemente geram reações violentas, cultivar respeito, compreensão e *companheirismo*,” (Kung & Schmidt, 2001, p. 35).

Manter-se fiel a sua própria tradição e à comunidade religiosa a qual está vinculado não exclui a sensibilidade para o diálogo com aqueles que pensam de forma diferente:

E quando isso acontecer, quando permitirmos que a liberdade ressoe, quando a deixarmos ressoar de cada vila e cada lugar, de cada estado e cada cidade, seremos capazes de fazer chegar mais rápido o dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar-se as mãos e cantar as palavras da antiga canção espiritual negra: Finalmente livres!

Conclusão

Diante do que foi apresentado, pode-se concluir que Martin Luther King tinha uma visão muito próxima do que apresenta o projeto *ethos* mundial e suas propostas convergiam em vários pontos com o mesmo.

Por um lado, percebe-se que ele se utiliza muito pouco do discurso religioso, apontando questões específicas de fé ou utilizando-se de conceitos teológicos como “pecado” e “salvação”. Ainda assim, não se pode negar a presença de vocabulário muito direcionado para o cristianismo, que reflete de fato sua formação teológica e sua trajetória de vida como pastor da Igreja Batista. Porém, existe uma preocupação clara de que seu discurso seja muito mais amplo, abrangendo ideais universais como: O direito à vida e à liberdade que seriam inerentes a todos, independentemente de religião, cor, situação econômica, cargo político etc.

Talvez o cerne de sua proposta de ação esteja na seguinte afirmação de Hans Kung: “Justamente aquela pessoa que, na tradição profética, verdadeiramente crê em Deus deveria, na prática, estar verdadeiramente engajada pelo bem-estar das pessoas.” (Kung, 1993, p. 85). Ou seja, antes de professar qualquer religião em especial, King professava que fazer o bem aos outros era o preceito chave em sua vida.

Disso se formula e se responde a grande pergunta do projeto: Por que fazer o bem ao outro? E a resposta deve ser simples: Porque é o certo a se fazer. E de fato estar disposto a fazer o bem ao outro independe da opção religiosa que cada um possa fazer.

Bibliografia

ANSBRO, John J. *The mind of Martin Luther King Jr*, Orbis, Maryknoll, New York, 1982.

ARIAS, Gonzalo. O caráter conflitivo da não-violência. In: *Revista Concilium: Vida espiritual e conflitos*. vol. 109, 1975/9.

CONE, James. Martin Luther King: A fonte de sua coragem ante a morte. *Revista concilium: Martírio hoje*. vol.183, 1983/3.

JONES, Sharon. *Martin Luther King Jr: O Pastor que tinha um sonho ousado (1929-1968)*. Editora Luz para o caminho, Campinas, 1995.

KARNAL, Leando. *História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI*, São Paulo, Editora contexto, 2014.

KING, Martin Luther. *Um apelo à consciência: os melhores discursos de Martin Luther King*. Seleção e organização de Clayborne Carson, Kris Shepard; tradução de Sérgio Lopes; apresentação e notas de Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 179p.

KUNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jurgen Hoeren*. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

_____. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. Verus editora, São Paulo, 2004.

_____.; SCHMDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001.

_____. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Editora Paulinas, São Paulo, 1993.

KUSCHEL, Karl-Josef e MIETH, Dietmar. Em busca de valores universais. *Revista Concilium*, Editora vozes, Vol. 292, 2001-2004.

LEWIS, David. *King: A critical biography*, Penguin books, Baltimore, 1970.

SWIDLER, L; GARAUDY, R; KUNG, H e MUKERJI, B. Ética das grandes religiões e direitos humanos. *Revista Concilium*, Editora vozes, vol. 228, 1990-1992.

SMITH, Kenneth L e ZEPP, Ira G. *Search for the Beloved Community: The thinking of Martin Luther King Jr*, Judson Press, Valley Forge, 1975.

What's a global Ethic? Disponível em: www.weltethos.com, consultado em 06 de novembro de 2014.

Fonte das imagens:

<http://escolavivabiblioteca-agendacultural.blogspot.com.br/>